

COMO PODE O ALUNO SABER MATEMÁTICA SEM DOMINAR A LÍNGUA CULTA?

Vicente Martins

vicente.martins@uol.com.br

Chega às minhas mãos, em branco, preto e azul, o envelope das avaliações bimestrais da minha filha, de 12 anos, cursando o 7º ano do ensino fundamental, em um estabelecimento da rede privada de ensino. Como as escolas públicas e privadas brasileiras vêm corrigindo as provas escolares e avaliando seus alunos?

Pensando na educação da minha filha, encaminho à gestão pedagógica da escola uma reclamação sobre seu processo de avaliação. Trata-se da décima questão da prova bimestral de Matemática de um certo professor Fulano de Tal. Diz o enunciado da questão: “*Fulano tinha saldo negativo no banco: -500 reais. Mesmo assim, deu um cheque de 200 reais. Para calcular o novo saldo de Fulano podemos efetuar: - 500 + 200 = -300; b) -500-200 = -700 ; c) 200 – (-500) = 700 e d) 500 + (-200) = 300*”

Vamos à resposta da minha filha: *a) – 500 + 200 = - 300*. A do professor: *b) -500 -200 = - 700*. Aprendi, desde cedo, como educador, a lidar com o erro e sendo assim, quando um aluno erra, em sala, sempre pergunto o que o levou a fazer a opção por *a, b, c ou d*. Assim, fiz a velha pergunta à minha filha: “Por que você fez opção pelo item *a* e não pelo item *b*?” Ela me respondeu: “Ora, pai, o Fulano deu um cheque de 200 reais, logo, seu saldo negativo, que era de -500 reais, ficou -300”. E continuei: “Mas ele, o Fulano, deu o cheque a quem, filha? No que ela me respondeu de pronto:” Ao banco, claro”.

Reli a questão e observei que, lingüisticamente, está mal formulada, com erro crasso de sintaxe: o verbo *dar*, que é bitransitivo, não tem objeto indireto (quem) expresso no enunciado, mas, somente seu objeto direto (que) é identificado na leitura da questão. Realmente, cadê o Sicrano da questão? A questão gerou, pois, *ambigüidade*.

A resposta oficial do professor também está errada porque o verbo *dar* não pode ter seu “objeto indireto” “oculto” ou “subentendido” ou retido unicamente na memória do professor.

Uma pergunta advém: Como pode o aluno efetuar um cálculo matemático sem a compreensão literal do enunciado da questão? Por-

tanto, a questão está lingüisticamente errada e induz a erros pedagógicos, tornando-se, desse modo, ineficaz do ponto de vista cognitivo. Sem eficácia, o ensino se torna contraproducente e perde a garantia pedagógica de um bom e útil resultado educacional: *a aprendizagem do aluno*.

Poderíamos, então, encerrar o teor de nossa reclamação aqui. Mas, fiquei inculcado com essa história de Fulano (em com F maiúsculo, principalmente) da décima questão da prova e, curioso, fui ao buscador *google.com.br* para ver se tinha algo caso parecido com este tipo de item. Para minha surpresa, o professor plagiou a questão da Internet!

O erro do professor não foi copiar a questão da Internet, mas tendo capturado, com erro lingüístico, a questão on-line, cometeu, criminosamente, o plágio docente. Plágio é péssimo exemplo a ser seguido na escola. É um caminho fácil, mas desonesto, tanto para professores ou alunos.

Numa formação de valores, o plágio não produz autores nem cidadãos ativos na sociedade, mas velhacos, arapuqueiros, ardlhões, cana-lhas, devassos, espertalhões, pulhas e trapaceiros de toda espécie inser-tos na política, na educação, na saúde e na vida em sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLIEND, G. Felipe, CONDEMARÍN, Mabel. *Leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Tradução de José Cláudio de Almeida Abreu. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

COLOMER, Teresa, CAMPS, Anna. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

CONDEMARÍN, Mabel e MEDINA, Alejandra. *A avaliação autêntica: um meio para melhorar as competências em linguagem e comunicação*. Tradução de Fátima Murad. Porto Alegre: Artmed, 2005

CONDEMARÍN, Mabel, BLOMQUIST, Marlys. *Dislexia: manual de leitura corretiva*. Tradução de Ana Maria Netto Machado. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

GARCIA, Jesus Nicacio. *Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática*. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

HOUT, Anne Van; ESTIENNE, Françoise. *Dislexias: descrição, avaliação, explicação, tratamento*. Tradução de Cláudia Schilling. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

JAMET, Eric. *Leitura e aproveitamento escolar*. Tradução de Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2000.

LECOURS, André Roch, PARENTE, Maria Alice de Mattos Pimenta. *Dislexia: implicações do sistema de escrita do português*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MARTINS, Vicente. A dislexia em sala de aula. In: PINTO, Maria Alice (org.). *Psicopedagogia: diversas faces, múltiplos olhares*. São Paulo: Olho d'Água, 2003.

STERNBERG, Robert J; GRIGORENKO, Elena L. *Crianças rotuladas: o que é necessário saber sobre as dificuldades de aprendizagem*. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2003.